

O SILENCIAMENTO DAS MINORIAS EM *SELVA TRÁGICA*

Jesuino Arvelino Pinto¹

Carlos Alexandre Manoel²

RESUMO

Este trabalho objetiva refletir sobre a representação de grupos sociais minoritários em *Selva Trágica*, especificamente a mulher, a criança, o índio e os trabalhadores “escravizados”, em sua maioria, paraguaios. Nesta narrativa, Donato evidencia as marcas de opressão advindas tanto do espaço natural, como do social que confirmam a relação Literatura, História e Sociedade como base da estrutura romanesca. *Selva Trágica* constitui-se como um testemunho de época, a história dos ervateiros do Mato Grosso e da fronteira Oeste do Brasil, oferecendo ao leitor uma interpretação ficcional da possível História dos trabalhadores da Companhia *Matte Larangeira*. nas primeiras décadas do século XX.

Palavras-chave: Espaço literário. Narrativa de tensão, Opressão

A proposta deste texto consiste em refletir acerca da representação de grupos sociais minoritários oprimidos, evidenciados no romance *Selva Trágica* (1959), de Hernâni Donato. Assim apresentaremos as marcas da opressão advindas tanto do meio social como do espaço natural, a selva, sofrida por mulheres, crianças, índios e trabalhadores “escravizados”, em sua maioria, paraguaios.

Candido (1976) atribui à obra literária a condição de ser fruto da iniciativa individual e de condições sociais, “na verdade ela surge na confluência de ambas, indissolavelmente ligadas” (p. 26). O artista, o criador, orienta sua produção segundo os padrões da época e retira das realizações humanas os temas, estabelecendo relações históricas, políticas, antropológicas, filosóficas. A escritura literária, “depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição” (CANDIDO, 1976, p. 30).

A obra literária traz, portanto, no seu interior, no conteúdo e na forma, valores sociais incluindo-se ideologias e modalidades de comunicação. Finalmente, o público, o concretizador, condicionado também por forças sociais, tem o poder de atribuir sentido a ela e definir seu valor estético, constituindo o sistema literário. Assim, a

¹ Doutor em Estudos Literários. Professor Adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso. Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras – PPGLetras, UNEMAT, Campus de Sinop. E-mail: jesuino.pinto@unemat.br

² Mestrando no Programa de Pós-graduação em Letras – PPGLetras, Linha de Pesquisa: Estudos Literários, UNEMAT, Campus de Sinop. E-mail: carlosalexandre9@hotmail.com

leitura e a compreensão de um romance demandam que se desentranhem da teia de signos indícios das relações complexas entre o homem e a sociedade.

Considerando que as instâncias da Literatura e da História acentuam a possibilidade de assimilação pela obra literária do contexto histórico em que ela foi produzida, percebe-se que a relação entre ficção e realidade constitui um dado inalienável ao próprio processo de criação artística. A obra é, portanto, uma configuração estética do mundo, criada pelo escritor com base num sistema simbólico de representação do real.

Além da relação entre Literatura e História, que fundamenta o conceito de representação, deve-se considerar a apropriação da temática histórica pela literatura como um traço recorrente na tradição romanesca. Ao lado da ficção literária que se refere diretamente a situações históricas com o objetivo primordial de criar um efeito do real, como nos ensina Barthes (1988); ou ainda de outras produções que apenas situam sua intriga em um determinado contexto histórico; obrigatoriamente colocam-se os romances que tomam uma realidade qualquer do universo histórico e a transformam em sua própria matéria, em parte integrante de sua estrutura, fazendo da realidade histórica uma realidade estética.

O repertório de leitura de Donato foi constituído por leituras de escritores, romancistas e teóricos, como Ignazio Silone, Erskine Caldwell, Ciro Alegria, Victor Hugo, preocupados com temáticas sociais que foram, especialmente, desenvolvidas na literatura brasileira a partir da década de 1930 por meio da prosa de fundo social do modernismo maduro. Este repertório é ampliado pela experiência pessoal.

Ao revisitar a biografia de Donato depara-se com uma experiência peculiar de vida, pela sua origem humilde, pela irregularidade de sua formação escolar e pelas profissões incomuns que o destaca da maioria de seus contemporâneos. Percebe-se a inexistência de limites fronteiriços tanto na vida quanto na produção intelectual de Donato, pois possui publicações nos mais variados campos, da literatura infanto-juvenil à biografia, à historiografia, à pesquisa e à divulgação científica, destacando-se como ficcionista com *Filhos do Destino*, *Chão Bruto* e *Selva Trágica*. O autor viveu e conheceu muitos lugares, exercendo as mais variadas profissões, ocupando muitos cargos, desbravando diversos espaços, um homem de inúmeros ofícios. Tal procedimento de elaboração romanesca assemelha-se ao da produção dos autores neorrealistas que primam por escrever, desenvolver tramas que vivenciaram ou

conheceram, mantendo a fidelidade aos fatos a serem reconstruídos. Maquêa (2010) assevera que de “rasgos e vestígios” se constrói a literatura, “empreendida dentro de um conjunto de acontecimentos sociais relacionados à várias histórias que vai da historiografia oficial até as memórias privadas, que se intrincam na formação de uma memória mais ampla, social.” (MAQUÊA, 2010, p. 51)

A produção literária de Donato é fruto de pesquisa documental e de campo, reflete o conhecimento histórico, social, filosófico e antropológico do escritor. Como resultado de pesquisas e estudos sobre o passado de sua cidade natal, Botucatu/SP, publica, em 1945, *O livro das tradições*. Em seu conjunto, verifica-se a predominância de narrativas que traçam o percurso do homem brasileiro circunscrito a um espaço problemático, colando-o à paisagem social e submetendo-o aos rigores das leis que anulam o sonho e a capacidade de libertação, impedindo-o de se realizar em sua plenitude humana. Tal é o teor de *Filhos do Destino*, história do ciclo do café e da chegada do imigrante ao interior do Estado de São Paulo; de *Chão Bruto*, que relata a conquista do sudoeste paulista; e de *Selva Trágica* desnudando os casos ignorados acerca da saga dos exploradores de erva mate (ervateiros) no sudeste mato-grossense. Estes romances têm em comum um eixo social e denunciam a trama das relações que subjagam o homem, expondo-o à dominação e à exploração perversas, localizando-o no centro das lutas de classe.

Selva Trágica pode ser rotulado equivocadamente como regional ou neorregional, neorrealista, pois almeja o geral a partir de um lócus enunciativo, por onde os sujeitos da enunciação acessam o mundo, é a partir da experiência histórica que se configura a dialética entre o local e o geral, visando não mais reafirmar a construção de uma identidade, mas reconhecer uma “cor local” que não se limita em um espaço fixo, realçando a vulnerabilidade das fronteiras e a multiplicidade dos sertões. Inocência Mata (2013), ao tratar a questão da Literatura Mundo em relação entre as literaturas produzidas em países de Língua Portuguesa e as europeias, em que prevalece uma visão eurocêntrica, enfatiza que a Literatura deve ser concebida como conhecimento de mundo, com um pertencimento que vai além, ousando nas abordagens de Mata (2013), entende-se que na Literatura Mundo não há preocupação em situar, exatamente o que ocorre com a obra a produção artística de Donato.

A narrativa de Donato desnuda o processo de (re)colonização de um território ainda rústico por meio do acesso ao progresso, que desperta a cobiça de poderosos, inicialmente utilizaram os índios que não resistiram ao trabalho forçado; com a redução

e consequente escassez de mão de obra, passou-se a recrutar homens, preferencialmente jovens além da fronteira Brasil – Paraguai, para a dominação e exploração nos ervais, sendo que alguns eram incorporados à Companhia com a função de, a qualquer custo, manter a ordem nos acampamentos, oprimindo e subjugando os trabalhadores. Este processo configura-se o que se entende por sobrevivência da forma (ABDALA JR., 2012), o poder muda de sujeito que passa a se comportar como o opressor de outrora.

O romance *Selva Trágica* reconstrói a história de homens, mulheres e até mesmo crianças recrutados, contratados e obrigados a trabalhar na exploração da erva-mate pela empresa estrangeira *Matte Larangeira*, no sul do antigo Mato Grosso; mais precisamente no Rancho Bonança, referência histórico-geográfica registrada na narrativa. A delimitação temporal da trama está implícita, mas o período pode ser facilmente datado pelo leitor que busque informações históricas, assim, abarca do início do século XX à década de 1940, quando Getúlio Vargas determina a extinção do monopólio da empresa. O domínio da Companhia segue até 1943, quando Vargas cria os Territórios de Ponta Porã e Iguazu; anulando, a partir de então, definitivamente a concessão.

Selva Trágica aborda a importância do ciclo ervateiro para a consolidação socioeconômica e cultural da região; a obra se consolida como romance denúncia que tem como personagem central a erva-mate. A trama resgata um momento histórico da economia do Sul do antigo Mato Grosso que após a famigerada Guerra do Paraguai, centrava-se na pecuária, atendendo às exigências do mercado interno brasileiro, com a venda de gado para as fazendas paulistas e mineiras, voltada para o abastecimento do país; e, produção de erva-mate, por meio da atividade extrativa ligada ao mercado internacional, principalmente a região Platina.

Thomaz Larangeira (o sobrenome explica a grafia do nome da empresa) funda a Companhia *Matte Larangeira* a partir da concessão para exploração exarada pelo Decreto Imperial nº 8799, de 09 de dezembro de 1882. O empresário trouxe do sul do país fazendeiros que conheciam o manejo da erva-mate, também foram utilizadas a mão-de-obra de índios da região e de paraguaios, iniciando o ciclo de produção. Com a proclamação da república a área de concessão é, sucessivamente, ampliada, sempre com o apoio de políticos influentes, como Joaquim Murтинho, Manuel José Murтинho e General Antônio Maria Coelho. Por meio do Decreto nº 520, de 23 de junho de 1890, são ampliados os limites de suas posses e consegue o monopólio na exploração da erva-

mate em toda a região abrangida pelo arrendamento. Em 1895, a área arrendada é ampliada, sendo superior a 5.000.000 hectares.

Ao abordar o histórico desta Companhia, Bianchini (2000) destaca que em 1892 foi assinado novo contrato de concessão com o estado, com exclusividade para exploração dos ervais. Documento que permitiu o Banco Rio Branco e Matto Grosso, da Família Murtinho, adquirir 14.540 ações, cabendo a Thomaz Larangeira 460 ações. A empresa passa a se denominar Companhia *Matte Larangeira*, sendo obrigada a transferir a sua sede para o território do Mato Grosso. Em julho de 1892 a Companhia comprou a Fazenda “Três Barras”, de Boaventura da Mota, à margem esquerda do Rio Paraguai, e construiu um porto para exportação de erva-mate cancheada, esse porto foi nomeado de “Porto Murtinho”, pelo Superintendente do Banco Rio e Mato Grosso Dr. Antônio Corrêa da Costa, em homenagem a Joaquim Murtinho. A atividade gerava muito lucro estimulando o aumento da exportação. Em 1900, a região teve grande desenvolvimento graças a Companhia *Matte Larangeira*, de onde passou a embarcar chá para a Argentina.

A Companhia encarregava-se da exploração dos ervais nativos e exportação da erva semielaborada (cancheada) para Buenos Aires. Nesta cidade, outra empresa, a Francisco Mendes Gonçalves & Cia., encarregava-se da industrialização e distribuição do produto no mercado argentino e outros. A erva-mate atingiu grandes centros urbanos como Assunção (Paraguai), Buenos Aires (Argentina) e até a Inglaterra, França e Itália.

A localização dos ranchos era definida a partir das descobertas das minas, considerada unidade primária de produção, uma área constituída por ervais, que determinava a construção do povoado, onde residiriam administradores, funcionários, milícia da empresa e os trabalhadores pelo tempo da extração total da erva naquele lugar. Durante o período de processamento da erva, as mulheres, em sua maioria, que trabalhavam em bordéis da região eram atraídas em busca de lucro fácil e, por isso, sujeitas a todo e qualquer tipo de humilhação e opressão. Nas “bailantas” estavam as prostitutas mais jovens e caras, e nos “quilombos”, as mais velhas e baratas.

Dentre estas mulheres destaca-se Flora, mulher bonita, cabelos longos, pele rosada, muito cobiçada pelos homens do erval. Apesar de ser caracterizada pela sua origem e por ser prostituta, como a maioria das mulheres dos ervais, consegue, entretanto, driblar o assédio dos homens, até quando a violência lhe é imposta. Apaixonada por Pablito, vive com ele no mesmo rancho e mostra-se inconformada com

a separação a que são submetidos. Abre mão de sua felicidade ajudando Pablito a fugir. Com a morte do companheiro entrega-se ao conformismo da mulher do erval, aceitando viver com um homem que não ama.

A personagem tem embutida em seu próprio nome a tragédia da selva, ou seja, a exploração da flora. Flora é comparada à erva mate, o que remete ao mito da cultura paraguaia acerca do surgimento da planta. Citando Barret (1988), Herrig (2010) expõe o contexto social que a erva mate tem na cultura paraguaia, observa que o estudioso apresenta o poder desta planta como um “signo”, dada sua relevância intimamente ligada à lenda da origem da erva mate, para tanto Herrig (2010) transcreve-a a partir Schadem, retirado de Arruda (1997):

[...] o Kaá se originou do corpo de uma virgem. Era uma jovem bonita, de pele muito clara, conhecida pelo nome de Kamby, que significa leite. Vivia Kamby com seus pais Kaarú e Kaasy na mata de Tacumbú [...] Kamby desprezava os homens e jurara que não pertenceria a nenhum deles. Mas o grande Rupavê, o mais poderoso dos deuses resolveu castigá-la pelo seu orgulho que contrariava a obra divina. Mandou à terra guarani o mago Pai Tumé Arandi para transformá-la numa planta de virtudes providenciais. Certa noite Pai Tumé Arandi chegou, pois, à cabana de Kaarú, acompanhado de Kaaguí Rerekuá, espírito da floresta; de Ñu Poty; espírito do campo; de Arayá e Pyharé Yara, os espíritos do dia e da noite. Pediu pouso e dormiu até a meia noite. Depois levantou-se, acordou a Kaarú e disse-lhe: venho do céu, da parte de Rupavê, para levar tua filha Kamby [...] kaarú então entregou a filha, e Pai Tumé [...] conduziu a jovem a Tacumbu, onde lhe pôs a direita sobre a cabeça, dizendo: Tu será a erva maravilhosa da terra guarani, de tuas folhas sairá, saúde, alegria e força para toda a gente da tribo. E da Cabeça de Kamby brotaram folhas verdes [...] para transformar-se numa árvore. Esta árvore é o “Kaá” – Pai Tumé Arandí, arrancou um punhado de folhas sapecouas e preparou uma infusão, que tomou e deu de beber aos outros espíritos (SCHADEM citado por ARRUDA, 1997: 94-5).

Assim como na lenda, a protagonista é castigada, humilhada diante de todos. Depois da captura e prisão, devido à tentativa de fuga, é amarrada, arrastada pela floresta, levada ao pátio da administração e jogada no meio dos homens, para que a disputassem e dela abusassem sexualmente. O que não ocorre, porque Isaque paga por ela, compra-a dos homens que estão presentes, ávidos para fazerem a festa, usando a mulher como bem entendessem. Esta é a lei estipulada pela Companhia em relação à mulher que tenta a fuga, para que sirva como exemplo às demais.

Três dias arrastaram a Flora, na ponta de uma corda, rumo do novo rancho. Ela, por ela, não daria um passo. Cairia, simplesmente, e sem

dizer dos seus porquês, morreria. [...] A ordem, nesses casos, era arrastar a fujona de volta, sem agrados nem cuidados. Devia ser vista e penalizada pelas outras mulheres da rancharia. Para lavar da cabeça de todas a idéia (sic) de abrir caminho, abandonando o rancho. (DONATO, 1976, p. 201)

No desfecho da narrativa, o capataz Isaque resgata Flora, objeto de seu desejo e obsessão. Flora, depois de tantos maus tratos, conforma-se com a situação que lhe é imposta, decide pela rendição e resignação, pois

O futuro era o que era – não o que gostaria que fosse. E se o mundo rodava nesse rumo, asnice era entestar no contra-rumo. Melhor seria acertar o passo do mundo. Vivia no país da erva e assim era a vida por ali. Sentiu o Isaque deitar-se ao lado e procurar a sua mão. Não se esquivou. (DONATO, 1976, p. 227)

Por se caracterizar como uma cultura de exploração nômade, à medida que se esgotavam os recursos naturais, novas “minas” deveriam ser encontradas, aspecto que provocava o deslocamento de toda a unidade de produção para outra área ainda inexplorada. A economia ervateira, por ser uma atividade predatória e extensiva, exigia mão-de-obra numerosa e, devido ao alto índice de mortalidade, reposição constante.

Surge, assim, outra classe de personagens, os aconchavadores, responsáveis por instaurar as relações de produção que permeavam todo processo, já que tudo iniciava com o aliciamento dos trabalhadores, seduzidos por promessas de uma vida melhor que aquela que levava nos pequenos vilarejos localizados na região fronteira. O endividamento já se iniciava no recrutamento de homens que substituiriam as baixas ocorridas nos ervais, seja por meio da morte ou pela fuga; estes homens eram seduzidos pela vida desregrada e abastada que lhe era apresentada em uma noitada sem normas, sem limites, com as mulheres muito bem preparadas nas bailantas, às portas dos ervais, porque não afirmar no portão que baliza o céu e o inferno.

Todos se divertem sem qualquer resquício de preocupação, totalmente envolvidos pelos regalos oferecidos pelas melhores e mais belas mulheres: muita bebida, música, dança, carinhos e sexo. São surpreendidos ao amanhecer com a verdadeira, irremediável e dura condição que se encontram, não restando outra opção que não seja seguir para a vida nos ervais já que a outra, a prisão, apresentava-se mais cruel e sem qualquer perspectiva.

A exploração dos ervateiros e consequente opressão prossegue quando chegam aos ranchos por meio das cadernetas da Comissaria, o armazém da Companhia

coordenado pelo “Mayordomo”, que abastecia e atendia as necessidades dos moradores, onde os ervateiros, que estavam na base da cadeia de exploração, eram obrigados a adquirir os produtos para sua subsistência, intensificando a sua dependência econômica daqueles que viviam da extração, do beneficiamento e do transporte da erva. Com preços elevados, mercadorias superfaturadas e com o acréscimo dos juros pelo adiantamento, a Companhia mantinha os trabalhadores presos às unidades de produção, caracterizando a servidão por dívida.

Para manter o domínio, controlando, vigiando, reprimindo os trabalhadores e coibir as fugas, a Companhia organiza uma milícia armada, formada por funcionários de confiança e liderada pelos tão temidos comitiveiros: Casimiro, Lucas e Isaque. Os fugitivos eram punidos com perseguições e mortes e os corpos expostos para servirem como exemplo aos demais. Aqueles que tentavam a fuga e que sobreviviam às perseguições e, conseqüentemente resgatados pelos comitiveiros, eram violentamente castigados. A tortura era uma forma aterrorizar aqueles que planejavam desobedecer às normas vigentes e à rígida disciplina de trabalho impostas pela Companhia. O rigor, as humilhações, os castigos corporais e a violência, revelavam as condições subumanas a que trabalhadores dos ervais eram submetidos, o que contribuía para o alto índice de mortalidade.

Selva Trágica foi escrito em uma época em que o êxodo rural estava cada vez mais intenso, devido ao acelerado processo de industrialização nos grandes centros urbanos. O romance recria uma história na qual o narrador vê o mundo em sua contraditoriedade móvel: o patrão forçando o empregado a permanecer no campo, de forma enganosa, desumana. O trabalhador, por sua vez, conscientiza-se do engano, entra em choque com a classe dos dominadores e luta para fugir e escapar de seu destino forjado. Entende-se que somente a personagem integrada aos anseios de sua classe social, consciente da situação do grupo, de forma atuante, é que adere à mecânica do progresso humano e passa a ter uma visão da totalidade do indivíduo e do conjunto social, do coletivo. Lukács (2000) e Goldmann (1976) sugerem que a existência da criação literária deve ser a expressão de uma visão do mundo voltada para fatos que refletem o pensamento de um grupo sob as mesmas condições econômicas e sociais, isto é, ao invés de um herói individual, um grupo social, o coletivo.

A essência de *Selva Trágica* provém do fato de que os ervateiros estão vinculados a duas forças contrárias a eles: a lei do monopólio e a exploração do trabalho, marcado

pela opressão patronal. Assim, o enredo se processa em termos de grupo, visto a necessidade de caracterizar um todo acoplado de traços específicos da condição econômica, humana e até psicológica, traçando a diferença entre o grupo e os que o exploram. O sofrimento e a opressão sobre as personagens são tão marcantes que elas acabam sendo esmagadas ou até mesmo se esmagando.

A composição de uma personagem coletiva tende a evidenciar a opressão sofrida e a desqualificação do indivíduo em realizar ações grandiosas, o que pode ser observado pela configuração que é dada ao grupo de trabalhadores dos ervais, pois mesmo oprimidos e desqualificados, não lutam pelo fim do monopólio da erva-mate naquela região, almejam a liberdade, objetivo que não conseguem atingir por agirem isoladamente. Contudo, os ervateiros clandestinos, os *changa-ys*, têm a consciência da necessidade em exterminar o monopólio, enquanto os demais, explorados pela companhia, permanecem alienados; conformam-se ou tentam fugir dos ervais, do degrado em que vivem.

As personagens se coletivizam com base na soma de traços mútuos que as aproximam, pois, individualmente, elas são episódicas. Os grupos dinamizam a narrativa e marcam posições bem delineadas de suas funções: de um lado, os opressores que, de várias formas, controlam a vida dos trabalhadores e os submetem a condições subumanas; de outro, o grupo dos oprimidos que sonha em libertar-se das pesadas tarefas que lhes são impostas. Um tem o poder e o querer, outro apenas o dever. São estas relações autênticas que geram a tensão na narrativa e colocam a personagem coletiva no limite do conflito. A oposição entre esses dois grupos amarra o núcleo narrativo e, ao mesmo tempo, submete a ação desses grupos à força distante, mas dominadora da Companhia, à ameaça sempre constante e, em nome da qual, todas as atrocidades se justificam.

Paralelamente a esses grupos, há o dos ervateiros clandestinos, os *changa-ys*, que não sofrem a ação direta da Companhia, mas a têm como ameaça constante. O coletivo se organiza, assim, da comunhão de traços divergentes das diferentes personagens. Para Fábio Lucas (1987), a sociedade se vê representada através de uma personagem, ou grupo de uma determinada classe que por vezes parecem espelhos da sociedade, refletindo em cores vivas os problemas existentes em um determinado momento sócio histórico, segundo o estudioso:

Há [...] personagens, grupos e classes retratados na ficção, cuja vida, bem ou mal lograda, numa ordem épica ou trágica, se torna cabalmente representativa da situação histórica que a determina: os conflitos subjacentes à trama social aí aparecem nitidamente, quer sob um aspecto positivo, construidor, quer sob um aspecto negativo, de posição crítica e conservadora da ordem considerada injusta. O ético e o político se juntam para a fixação de um caráter. (LUCAS, 1987, p. 6)

As personagens expressam os anseios da sociedade e contribuem para a formação de um pensamento crítico quando exprimem um conflito e se identificam com o destino da classe que representam. É na personagem que se encontram as denúncias e as críticas, por meio da personagem o ficcionista relata, expõe, denuncia o meio social a que pertence e vive, daí advém o grande valor de obras de cunho social, como *Selva Trágica*.

A Companhia *Matte Larangeira* que detém o comando maior, dona dos ervais, possui a concessão para a exploração da erva-mate. Dela partem todas as ordens absurdas e desumanas, comum a uma empresa monopolista e corrupta. Comete todos os tipos de abuso do poder, desrespeitando os direitos humanos. No entanto, não se registra atuação direta da Companhia. Ela está representada por seus capatazes, que cumprem criteriosamente suas ordens enviadas à distância, sem as contestarem: “A ordem de todos os dias é produzir mais e mais. Isso mandaram dizer repetidamente. De Ponta-Porã e de Buenos Aires – onde vivem os que mandam na erva e nos mineiros.” (DONATO, 1976, p. 18-9) Assim, a Companhia funciona nos ervais, representada hierarquicamente por seu administrador, Curê; pelo capataz, Isaque; pelo monteador, Lucas; pelo comitiveiro, Casimiro, e por outros que vêm em segundo plano como o Mayordomo, o balanceador, o ajudante, o correntino e os capangas, que acompanham Casimiro nas caçadas aos fugitivos e são pagos para matar.

O Curê, administrador que está no topo da estrutura, é um funcionário embrutecido, bestializado, subserviente aos desmandos da Companhia. Totalmente desgastado e degenerado pela função que exerce, abusa do poder e dele tira vantagens, principalmente no que tange às mulheres, “– Meninas? E que?! Ficam promovidas a mulheres para o baile! – rugiu, alegre, o Curê.” (DONATO, 1976, p. 28). O administrador do rancho Bonança sofria do mesmo mal que o uru, viver o mundo da erva, que aqui pode ser entendido como o social, cultural, o político, o hierárquico, o econômico, enfim, todo o conjunto que existe tendo por motivo a erva mate. Era o que

podiam fazer, pois era a única coisa que sabiam fazer. Em muitos momentos da narrativa fica evidente o embrutecimento que o erval causa, mas o Curê é a consubstanciação desse embrutecimento, dessa animalização. O uru apenas tem que fazer com que a erva seja boa, o administrador, porém, manda, e sendo quem manda tem que ter pulso firme: “— [...] nessa vida de erval é preciso ser duro com os homens” (DONATO, 1976, p. 67). diz ele a seu capataz Isaque. Este último fica indignado com a dureza de seu administrador e o indaga sobre qual matéria compõe o seu ser: “— De que é que você é feito, ôô Curê?” (DONATO, 1976, p. 68). A resposta é trágica, e não apresenta perspectivas fora do mundo da erva:

— De erva mate. Disso é que sou feito. Estou recheado dela. Não sou branco, nem preto, nem bugre. Minha pele é côr de erva cacheada. Maldita erva! O que me dói mais e assusta é que se a erva acabasse eu teria que morrer. Não sirvo pra mais nada! Sei que não sirvo pra mais nada! (DONATO, 1976, p. 68).

Tanto o Curê como o Uru, no caso Curãturã, simbolizam a junção e personificação da erva, dada a degradação o homem cola-se à paisagem, igualmente degradada.

As personagens que hierarquizam as relações de poder na organização da Companhia *Matte Larangeira* constituem, na soma de seus atributos, o grupo de opressão. Juntas formam a personagem coletiva, ideologicamente marcada e definida em seu papel social. É a guardiã do poder e mantenedora dos interesses do capital. De outro lado, há o grupo dos dominados, formados pelos ervateiros, vítimas da ação negativa, da tirania da Companhia e de seus funcionários, esse grupo é composto por Pablito, Flora, Curãturã, Zola, Pytã, Aguará, Bopi e Augusto.

As mulheres não têm escolha, opções de vida, pertencem a seus maridos até quando era permitido pela Companhia. Os capatazes podem dispor delas à vontade. São seres coisificados, servem até para pagar dívidas, são negociáveis. Por isso, Flora, Zola, Nakyrã, Anaí sabem que não há o que esperar do futuro, determinado, com crueldade, pela Companhia: “— O destino das mulheres que não têm quem as cuide é um destino triste nos ervais. Só fazem sentar-se à porta dos ranchos e botar no rosto e nas mãos o sorriso e os gestos convidativos da quilombero.” (DONATO, 1976, p. 206).

A mulher é usada como estratégia de controle pelos dirigentes dos ranchos, tanto no que tange a acalmar os ânimos quanto no que se relaciona a um maior endividamento do trabalhador, o que o deixava atrelado à Companhia e não permitia que saísse sem que

terminasse de pagar a dívida. Como um destes artifícios, os mandantes do rancho organizavam um *jeroki*, ou seja, um baile no qual o sexo era o meio utilizado para acalmar o ânimo dos peões: “— [...] era chegado o tempo de dar um baile, pois o mau humor dos homens ia de subida. Já precisavam de usar pulso e isso era ruim e muito” (DONATO, 1976, p. 27). Porém, também se faz importante a diferenciação entre as mulheres que eram usadas para os bailes, que podem ser divididas em dois tipos: as que eram de família, esposas e filhas, e as prostitutas, as chamadas quilombras. Primeiro as mulheres eram separadas no próprio rancho:

— Pois então montamos um baile. [...] Você, Casimiro, veja quantas mulheres arranjamos por aqui... - Já lhe digo. Dos quinze mineiros, três são casados e trouxeram mulher. O atacador tem duas filhas, mas são quase meninas... - Meninas? E quê?! Ficam promovidas a mulheres para o baile! — rugiu, alegre, o Curê. (DONATO, 1976, p. 28).

As quilombras também faziam parte do *jeroki*, porém, a diferença destas para as de família é que elas recebiam pelo trabalho, além do fato de que esse valor pago era anotado e descontado dos trabalhadores, endividando-os mais ainda: “— Ué?! Quilombras são mulheres, não são? Até que num baile as públicas são de maior valia. Antes da festa, leve as tais ao armazém. Deixe que se cubram de enfeites e de cheiros. Mas tome nota do gasto por vias do desconto.” (DONATO, 1976, p. 28). Além do endividamento do ervateiro, o baile servia para aliviar da sobrecarga de trabalho forçado, para distração e saciar desejos:

[...] o baile é feito como oportunidade forçada para elas desafogarem os ardores reprimidos dos homens do erval. Durante a noite do baile, os mineiros usavam das mulheres como durante o dia serviam-se dos instrumentos de trabalho. Ai da mulher que não comparecesse, saudável, doente, velha, feia ou grávida. Durante as horas do baile deixavam de funcionar todos os códigos de honra e de costumes de que se servem os homens e as mulheres. (DONATO, 1976, p. 29).

Nesta narrativa donatiana, forma e conteúdo unem-se por meio de uma relação complexa e ambígua, tornando o fator social um componente essencial na organicidade da obra. O acontecimento é retirado da realidade histórica, acessado por meio de depoimentos coletados pelo autor, e tomado por Hernani Donato para alicerçar a estrutura de *Selva Trágica*.

O romance se constrói sob o signo da tensão causada pelo choque entre dominadores e dominados. Os primeiros representados diretamente pelos

administradores, capatazes e comitiveiros; os segundos, pelos ervateiros, pelos *changa-ys*, pelas mulheres dos ervais, pelos fugitivos do rancho. Tensão, no sentido sociológico, designa as oposições internas, manifestas ou latentes entre grupos sociais, numa determinada realidade humana. Uma narrativa densa, compacta, carregada de tensão, desvela o homem oprimido em seu meio. Este homem está na pele dos ervateiros que transportam o raído de 200 quilos, arriscando a vida; na pele dos fugitivos que são caçados como animais e, na maioria das vezes, mortos; na pele das mulheres exploradas sexualmente, perseguidas e impedidas de amar. A tensão reside, ainda, na vida clandestina dos *changa-ys*; na força do poder da Companhia que mantém os mineiros presos, endividados, escravizados, em meio à mata, sem nenhuma esperança de liberdade: uns são conformados, resignados e se entregam às condições dessa vida de infortúnios; outros, desesperados, tentam a fuga.

A vida nos ervais de *Selva Trágica* caracteriza-se pela subversão das normas sociais e, por isso, a barbárie se instaura no mundo às avessas, “os homens tornavam-se meio homens; apenas nas cidades, representadas como próximas à civilização, os homens viviam como homens” (DONATO, 1976, p. 129). O rio Paraguai delimita o inferno dos ervais brasileiros e o paraíso, onde se encontrava a liberdade para ser conquistada por meio da fuga. Em sua maioria paraguaios, os ervateiros desejavam estar do outro lado do rio, retornando para casa e realizando a travessia, quando há a impossibilidade de conquistar a liberdade a travessia é realizada pela morte.

Em *Selva Trágica* o que se narra são reverberações da consciência do autor em relação ao mundo, mostradas por meio da construção de uma tensão gerada pelo embate entre dois grupos sociais. Na narrativa donatiana, a opressão não se constitui apenas pelas relações sociais, mas também pelas adversidades do meio e do espaço, que contribuem para o aprofundamento da tensão. Temos o relato da vida por um fio, num dobrar de joelhos, num pestanejar de olhos, num caminhar tenso. Caminhar este, refletido na fuga dos mineiros que querem escapar à escravidão dos ervais, mas são caçados pelos comitiveiros, verdadeiros capitães do mato, passo a passo, rastro-a-rastro, numa floresta cheia de empecilhos que dificultam a fuga, geralmente malsucedida.

O mineiro, sob forte tensão, sente-se lesado em seu direito de ir e vir quando é perseguido e morto sob as penas da lei exclusiva dos ervais, ou seja, de uma Companhia capitalista exploradora, escravagista e dominante. É essa ausência da prática da justiça e da liberdade de ação, que leva os trabalhadores honestos a tornarem-se clandestinos, a

viverem como bandidos, quando, na realidade, os verdadeiros bandidos estão no poder protegidos por leis apropriadas, criadas sob a pressão deles ou por eles, e para eles. É essa a situação conflituosa, delicada e problemática dos *Changa-ys*, que vivem sempre sob forte tensão, os homens com medo de serem descobertos e assassinados e as mulheres de serem transformadas em “quilomberas” para servirem aos mineiros da Companhia, que se apossavam da erva colhida e preparada, depois das atrocidades. Caso não houvesse o monopólio da erva-mate, concedido pelo Governo à Companhia, não haveria os *Changa-ys*, não haveria a clandestinidade, o medo, a tensão e a diversidade entre os grupos sociais.

Também em tensão contínua vivem os trabalhadores das monteadas, ou seja, os mineiros que saem pela floresta à procura de outras minas de erva-mate e deixam no rancho, à mercê dos caprichos dos capatazes, as suas mulheres. Isso ocorre com Pablito, desesperado pela demora da monteada, sabendo que a mulher que ama está desamparada, vulnerável à ação dos capatazes e administradores do rancho, acaba por entrar em crise e passa a desconfiar da fidelidade da mulher, dada a demora e a incerteza do retorno ao rancho.

Na representação da vida nos ervais, Donato prioriza aspectos díspares nas relações de poder. De um lado, a sede da Companhia na Argentina, sempre visando ao lucro, a manutenção da ordem e o aumento desenfreado da produtividade a qualquer preço, explorando os ervateiros e gerando conflitos sociais desvelados na trama. As leis estipuladas e mantidas pela Empresa favoreciam a exploração sexual das mulheres, a perseguição aos casais e os desencontros amorosos. De outro lado, a natureza hostil e o meio social subjogavam homens e mulheres à *Matte Larangeira*, tornando-os impotentes para lutar contra o sistema que os oprimia. Dessa forma, estariam impedidos de se libertarem dos conflitos individuais e coletivos, buscando apenas a sobrevivência, deixando adormecidos desejos, ambições e os sonhos de uma nova vida.

A trama de *Selva Trágica* está condicionada ao contexto histórico regional, nacional e internacional, conferindo-lhe historicidade às ações e tensões entre as personagens, grupos e classes. Como Donato declara no prefácio, a personagem principal do romance seria a erva, seguida pela terra, pelo tempo e sonhos, e, por fim, os homens, ou seja, grupos estratificados socialmente.

Em *Selva Trágica*, as diversidades conduzem à tensão e constituem a ação da narrativa. Não basta acolher o romance apenas como denúncia de um estado de coisas,

mas também perceber que tal visão crítica se faz de uma forma marcadamente estética. Na configuração textual, transparece a linguagem intencionalmente elaborada, preocupada com a força poética de sua expressão.

Referências

- ABDALA JR. Benjamin. *Literatura comparada & relações comunitárias hoje*. São Paulo: Ateliê editoria, 2012.
- ARRUDA, Gilmar. *Frutos da terra: os trabalhadores da Matte Larangeira*. Londrina: UEL, 1997.
- BACILLA, Antônio. *O drama do mate*. Curitiba: Guaíra, 1940.
- BARRETT, Rafael. “Lo que son los yerbales”. In: _____. *Obras completas II: Lo que son los yerbales moralidades actuales ensayos y conferencias epifonemas*. Asunción: RP Ediciones/ICI, 1988. p. 5-22.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade - estudos de teoria e história literária*. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.
- DONATO, Hernani. *Selva trágica*. São Paulo: Edibolso, 1976.
- GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do romance*. Tradução de Álvaro Cabral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- HERRIG, Fábio Luz. Selva Trágica: imposições e resistências In: *Revista história em reflexão*. vol. 4, n. 7, UFGD, Dourados, Jan/Jun. 2010.
- LUCAS, Fábio. *O caráter social da ficção do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2000.
- MAQUÊA, Vera. *A escrita nômade do presente: literaturas de língua portuguesa*. São Paulo: Arte & Ciência, 2010.
- MATA, Inocência. Literatura-mundo em português - encruzilhadas em África. In: *Anuário de Literatura Comparada*. 3, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013, (p. 103- 118).
- PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

THE SILENCING OF MINORITIES IN *TRAGIC JUNGLE*

ABSTRACT

Revista de Letras Norte@mentos

Estudos Literários, Sinop, v. 14, n. 35, p. 150-165, jan./jun. 2021.

164

This paper aims to reflect on the representation of minority social groups in *Tragic Jungle*, specifically the woman, the child, the Indian and the mostly Paraguayan “enslaved” workers. In this narrative, Donato highlights the marks of oppression that come from both natural and social space that confirm the relationship between Literature, History and Society based on the romanesque structure. *Tragic Jungle* is constituted as a testimony of the time, the history of the ervateiros of Mato Grosso and the western border of Brazil, offering the reader a fictional interpretation of the possible history of the workers of the Matte Larangeira Company. in the first decades of the 20th century.

Keywords: Literary space, Narrative tension, Opression

Recebido em: 30/09/2020

Aceito em: 20/12/2020